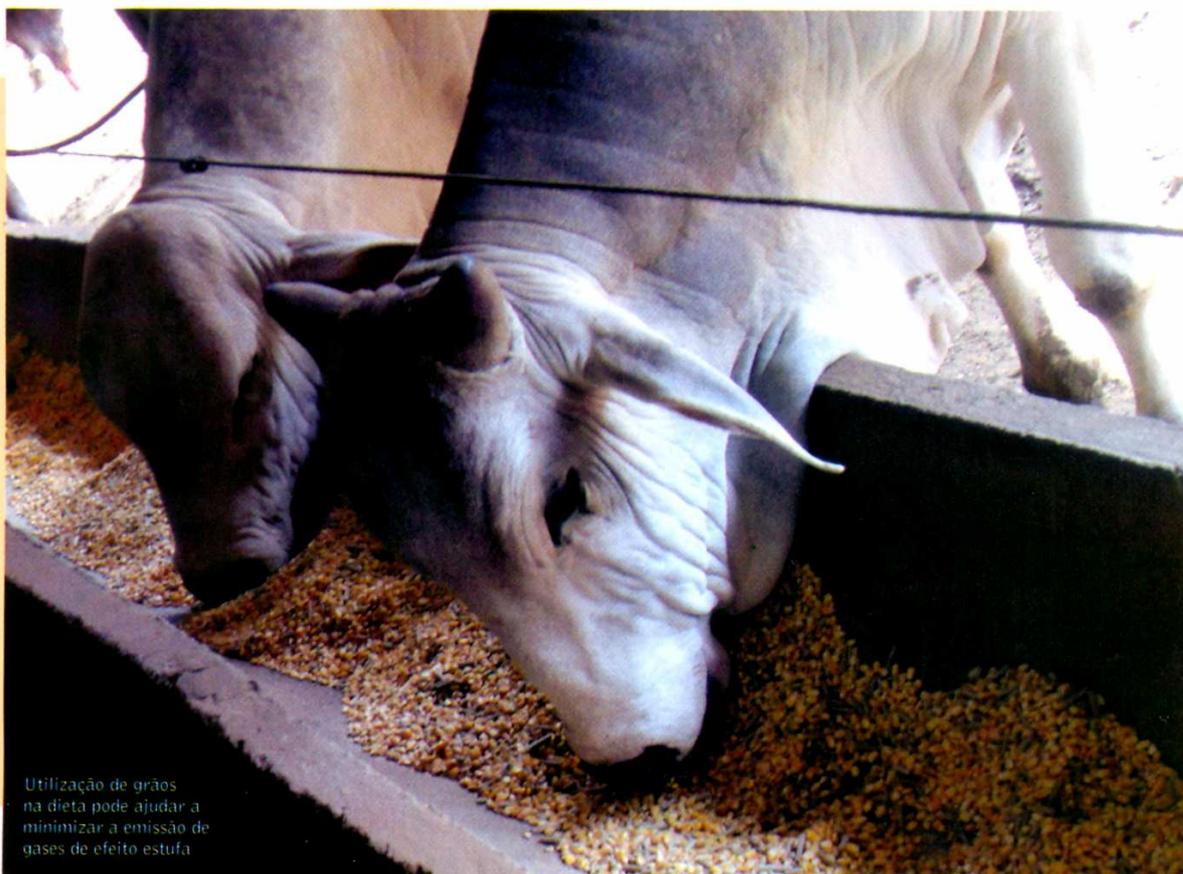


Carne para o mundo



Utilização de grãos na dieta pode ajudar a minimizar a emissão de gases de efeito estufa

Texto e fotos: Ariosto Mesquita

Hoje mais experiente, calejado, diversificado e, em várias situações, tecnificado, o criador de bois no Brasil tem a chance de assumir o papel de protagonista no mercado mundial.

Analistas apontam o nosso país como o único em condições de ampliar de forma mais imediata a oferta de proteína animal em condições de suprir as necessidades da população humana que deve pular dos atuais 6,77 bilhões para 9 bilhões de pessoas até 2050. Caso esse número se confirme

exigirá uma oferta adicional de 100% de carne e leite.

Para que o pecuarista brasileiro aproveite esta oportunidade, uma condição é irrevogável e irreversível: sua produção deverá obedecer às regras de sustentabilidade (incluindo bem estar animal e segurança alimentar) exigidas pelo próprio mercado consumidor.

“Quem não pensar e agir de for-

ma sustentável em sua propriedade está fora do mercado”.

O alerta é do mestre em ciência animal e pastagem e professor da Universidade de São Paulo (USP), Cláudio Haddad. Segundo ele, mais de 80% da população dos Estados Unidos e da União Européia estão conscientes para consumo de produtos sustentáveis.

Brasil vive desafio de ampliar produção de carne bovina, com sustentabilidade, para abastecer o planeta



Indústria frigorífica brasileira terá de abrir novos mercados internacionais

Mas baseado no conceito de sustentabilidade - como a capacidade de suprir as necessidades atuais dos seres vivos sem conter a possibilidade das gerações futuras de suprir as suas - Haddad vê sérios riscos caso os padrões de consumo mundiais continuem em acelerada elevação.

“Se almejarmos o padrão norte-americano, por exemplo, a espécie humana entrará em extinção”, avisa.

Para esta afirmação, ele toma como base o conceito de pegada eco-

quada para o sustento de 1,7 bilhões de pessoas.

“Onde se deixa um norte-americano para viver é possível colocar cinco africanos”, ressalta.

O professor da USP ainda lembra que o salto da população da Terra (6,77 bilhões de pessoas – dados Banco Mundial 2009) para 9 bilhões de pessoas em 2050 “significa 2,23 bilhões de pessoas a mais entrando no mercado com poder aquisitivo, o que deve aumentar em 70% a atual neces-

sões de gases de efeito estufa (GEE) são de origem fóssil e 18% provêm do agronegócio, incluindo aí o uso da terra, desmatamentos e criações de ruminantes.

No caso da pecuária, o gás preponderante é o metano (CH₄), “21 vezes mais potente que o dióxido de carbono para o aquecimento global, portanto, mais nocivo”, lembra.

Para reduzir estes efeitos, o professor da USP sugere alguns procedimentos na fazenda, tais como: abate

País é visto como único que pode ampliar oferta de proteína animal em larga escala e em curto espaço de tempo

lógica que é a extensão, em hectares, de que um determinado país ou região necessita para sustentar o estilo de vida de uma pessoa.

De acordo com Haddad, a pegada ecológica da África é de 1,4 ha, suficiente para o sustento de 9,6 bilhões de pessoas. Já no padrão EUA/Canadá, a pegada sobe para 7,9 ha, ade-

quada para o sustento de 1,7 bilhões de pessoas”.

Um dos desafios da produção sustentável é a redução e neutralização da emissão de gases tóxicos para a atmosfera. Haddad lembra que pelo Inventário do IPCC (Intergovernmental Panel on Climate Change – Painel Intergovernamental sobre Mudança no Clima) de 2006, 82% das emis-

mais precoce; utilização de lipídeos na dieta (inibe metano); utilização de monensina sódica como aditivo alimentar (inibe metano, melhora eficiência alimentar em bovinos confinados e aumenta ganho de peso de bovinos em pasto e de novilhas de reposição) e utilização de alimentos mais energéticos, como grãos.



Haddad: "Quem não pensar e agir de forma sustentável está fora do mercado"

Para produzir em pecuária sustentável de forma geral, Haddad entende que o produtor deve ficar atento a pelo menos cinco pontos fundamentais dentro da propriedade: fertilidade de solo, controle de erosão, manutenção da biodiversidade, melhoramento genético e manejo adequado.

Mercado e oportunidades -

A China possui mais de 1,3 bilhão de pessoas (Banco Mundial/2009), sendo aproximadamente 300 milhões dentro da classe média (uma vez e meia a população brasileira). São números estratosféricos perto das 1.600 toneladas de carne bovina que o Brasil exportou para o mercado chinês em 2010.

É certo que os chineses são mais adeptos da carne suína, mas este pequeno volume exportado incomoda o agrônomo e consultor da Bolsa de Mercadorias e Futuros (BM&F) no Centro-Oeste, João Pedro Cuthi Dias.

"Esta quantidade equivale à metade do consumo de uma cidade como Campo Grande em apenas 15 dias, portanto não estamos aproveitando este espaço de mercado", ressalta.

Mas é bom o pecuarista brasileiro ficar atento, pois o volume de carne bovina exportada para a Ásia vai au-

mentar. Na recente visita da presidente Dilma Rousseff à China, um dos resultados positivos foi a habilitação de mais cinco frigoríficos brasileiros de carne bovina in natura para comercialização com o mercado chinês.

Até então apenas três unidades industriais no Brasil tinham esta autorização.

Por outro lado, a pressão que a pecuária brasileira recebe de outros países produtores se apresenta

como fator inibidor para a conquista de novos mercados e pode ajudar a depreciar o preço da carne bovina brasileira.

Durante o 24^a Encontro de Tecnologias para a Pecuária de Corte, realizado em Campo Grande, MS, no dia 18 de abril, Dias mostrou edição do diário londrino *The Independent* (11/04/2011) que trouxe a reportagem "Why Britain's taste for cheap food is killing Brazil's other wilderness".

A matéria faz uma ligação entre o hábito inglês de comprar comida barata em supermercados e a utilização predatória (ponto de vista do texto) do cerrado brasileiro para a produção de grãos que irão alimentar animais de corte.

"São informações negativas plantadas contra o Brasil; trata-se de uma disputa mercadológica para criar um feudo de comercialização", analisa.

"Enquanto isso, Hong-Kong paga apenas US\$ 3 pelo quilo da carne bovina brasileira", ressalta o consultor da BM&F.

Coincidência ou não, poucos dias depois a Rússia, que é um dos prin-



Carne brasileira em processamento para exportação: produção sustentável pode garantir melhor remuneração

cipais mercados da carne brasileira, anunciou restrições de compras sobre 29 frigoríficos de carnes bovina, suína e de aves no Brasil. A alegação é de que as indústrias não estavam atendendo às exigências de segurança alimentar previstas na legislação russa.

O governo brasileiro reagiu, achou estranha a rapidez do relatório – cinco dias depois do fim de visita técnica de uma missão veterinária russa – e determinou o envio de uma delegação para discutir e tentar resolver o impasse.

Mas na opinião de Dias, basta o Brasil ficar atento a estes percalços e fazer corretamente seu dever de casa para que novos mercados se abram.

“Atualmente 30 milhões de pessoas/ano na Índia e na China saem do campo para a cidade onde começam a se alimentar melhor. Além disso, assim que se estabilizarem política e socialmente, vários países do Oriente Médio também aumentarão a demanda mundial por alimentos”, prevê.

Além disso, o agrônomo lembra que a previsão para os próximos 40 anos é de uma aceleração da demanda por carne.

“E onde vai ser produzido?” indaga.

Na sua avaliação, no hemisfério norte não existe mais espaço disponível, além de viver uma carência de água.

“Sobram basicamente o Brasil e a Argentina, mas nossos vizinhos enfrentam problemas nas relações entre o governo e o agronegócio porteño, tanto é que, só de agricultores e grupos argentinos, existe uma área de aproximadamente 350 mil hectares plantados no Brasil”, conta.

Dias ainda acrescenta que só em 2010 as exportações de carne da Argentina registraram uma queda de 50%.

CONFINAMENTO

Criação intensiva pode abrir novos mercados

A produção de carne bovina através de confinamentos pode ser uma das alternativas para que o Brasil abra novos e rentáveis mercados.

“Os custos de produção neste sistema podem ser equalizados com aumento da produtividade e redução do custo unitário de engorda através de dietas mais eficientes e gestão”.

É a opinião do diretor executivo da Associação Nacional dos Confinadores (Assocon), Fábio Maia de Oliveira.

Outra forma de melhorar a receita do produtor, segundo ele, é o aprimoramento genético do rebanho que permite a produção de carne com melhor qualidade para mercados que buscam valor agregado.

Mas, para Oliveira, nada adianta o pecuarista brasileiro agregar valor ao seu produto se as indústrias não abrirem espaço no exterior.

“Essa iniciativa depende dos frigoríficos que devem abrir esses mercados e incentivar a produção, repassando aos produtores os diferenciais de preços”, acredita.

Para o diretor da Assocon, vislumbrar mercados de baixa remuneração pode inviabilizar a atividade no país.

“Manter o foco comercial em países como Hong-Kong, que geralmente compram subprodutos bovinos e cortes menos nobres, não sustentará nossos custos atuais de produção”, diz.

A pecuária intensiva pode ser uma aposta brasileira diante de restrições ambientais que tendem a limitar cada vez mais a ampliação de áreas para pecuária extensiva, o que exigirá uma pressão crescente por maior produtividade.

“A concentração da produção em áreas menores com redução de tempo do ciclo pecuário, por si só representa um grande benefício ao meio ambiente, pois alivia a pressão do desmatamento e atende a demanda por alimento com utilização de menores áreas. Além disso, temos outros meios para tornar os confinamentos ainda mais sustentáveis, como o tratamento de resíduos, responsabilidade ambiental e bem estar animal”, garante Oliveira.

A Assocon conta hoje com 61 confinamentos associados em 11 estados brasileiros, totalizando um rebanho de aproximadamente 300 mil cabeças. A estimativa da entidade é de que represente perto de 20% dos animais confinados no Brasil.

Para 2011 a Assocon trabalha com a previsão otimista de que o número de bovinos confinados no País cresça pelo menos 15%.